

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

SORAIA CRISTINA DE OLIVEIRA SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR  
NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Belo Horizonte

2015

SORAIA CRISTINA DE OLVIERA SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR  
NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de pós-graduação *latu sensu* Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte

2015

SORAIA CRISTINA DE OLIVEIRA SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR  
NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de pós-graduação *latu sensu* Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

---

Camila Sequetto Pereira – Faculdade de Educação da UFMG

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.”

Rubem Alves

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me abençoar e dar força para concluir este trabalho.

Aos meus pais que me apoiaram e me ensinaram com exemplos positivos.

A meu marido e filhos que me compreenderam nos momentos ausentes para a execução deste trabalho.

Ao professor orientador Gilcinei Carvalho, por sua excelente orientação, paciência e disponibilidade nos momentos necessários.

A todos, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido em uma Unidade Municipal de Educação Infantil, situada no município de Belo Horizonte onde a comunidade é carente e apresenta condições socioeconômicas e culturais precárias.

Realizado no 2º semestre de 2014, o trabalho teve como objetivo observar e analisar a influência do ambiente letrado no processo de ensino aprendizagem da criança em fase de alfabetização.

Levando em consideração a importância de atividades que favoreçam a relação entre letramento e alfabetização, utilizei a luz de alguns teóricos como Soares e Kleiman acerca dos termos letramento e alfabetização.

O ambiente letrado pode ser muito importante no início do processo de alfabetização dos alunos entre 5 e 6 anos. Foi possível constatar que o tempo de exposição do sujeito em eventos de letramento contribui no processo de aprendizagem. Considerando também que existem crianças que tem seu primeiro contato com o ensino formal na escola aos cinco ou seis anos de idade, o professor deve propiciar um ambiente alfabetizador que tenha materiais letrados variados. Alfabetização e letramento precisam estar interligados para garantir as possibilidades de cidadania e participação crítica do sujeito na sociedade atual. Os resultados permitiram a reflexão e avaliação do plano de ação no sentido de aprofundar e redimensionar o trabalho.

**Palavras-chave:** Alfabetização, letramento, escola, família.

## SUMÁRIO

1 -INTRODUÇÃO .....	08
2- ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	10
3 –METODOLOGIA.....	16
3.1 A ESCOLA.....	16
3.2 ATURMA.....	18
3.3 A COMUNIDADE.....	20
4 – ANÁLISE DE DADOS.....	23
4.1 ENTREVISTA COM ALUNOS .....	28
4.2 RELATO DAS AULAS.....	29
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6- REFERENCIAS.....	37

## 1 -INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a relação entre práticas de letramento escolar e não escolar no processo de alfabetização. Para refletir sobre o tema, abordou-se sobre a educação infantil, o letramento, a prática do letramento na escola e junto às famílias.

Este estudo foi motivado na intenção de analisar como o ambiente letrado contribui para uma melhoria no processo de ensino e aprendizagem de alunos entre 5 e 6 anos em fase de alfabetização. Este estudo tem como objetivos:

Analisar como o ambiente letrado contribui para uma melhoria no processo de ensino e aprendizagem das crianças em fase de alfabetização;

Descrever sobre a influência do letramento no aprendizado da criança;

Identificar as estratégias do professor e da escola no ambiente letrado;

Verificar as práticas de letramento familiares e escolares.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho foi dividido em quatro capítulos em que abordamos o tema proposto. Iniciamos com a definição de alfabetização. Abordamos também sobre a infância, o primeiro e segundo ciclo, a alfabetização e o letramento no contexto da Educação Infantil e a questão do alfabetizar ou não nesta segmento de ensino.

A partir de então foi elaborado um plano de ação no formato de uma sequencia didática. Essa proposta teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança inserida no ambiente letrado.

O estudo e o plano de ação foram desenvolvidos na Unidade Municipal de Educação Infantil Pedreira Padre Lopes que está localizada no bairro Santo André, área carente do município de Belo Horizonte e atende a crianças em situação socioeconômica difícil e em vulnerabilidade social.

Este trabalho abordou como o letramento contribui para o processo de ensino aprendizagem das crianças em fase de alfabetização. Designa-se por letramento o resultado da ação de saber ler e escrever e fazer uso social constante da leitura e escrita.



Sendo assim, o professor tem um papel fundamental de transformar a pessoa alfabetizada em pessoa letrada.

Através da pesquisa, buscamos conhecer melhor como o letramento influencia no desenvolvimento cognitivo e na vida social da criança. Para Teberosky e Colomer (2003) é preciso trabalhar a escrita dos espaços urbanos e domésticos. Valorizar atividades que permitam que as crianças prossigam em suas experiências extraclasse, ampliando suas capacidades. Trata-se de escritos que pertencem à vida cotidiana das crianças. Criar condições para que as crianças conheçam esse material escrito e saiba suas funções. É importante também trabalhar o escrito do meio escolar e sua função. Mural, chamada, calendário, cartaz e outros. Aprender como, para que serve e como usá-los.

A atividade proposta aproximou-se do universo infantil e sua realidade, considerando as dificuldades e tendo a oportunidade de interagir para uma intervenção, se necessário. No caso de uma intervenção teremos maior clareza e segurança para agir em nossa prática educativa. Percebemos também uma demanda deste tema no contexto escolar, onde a criança é colocada como foco principal.

A aquisição da leitura e da escrita ainda é algo bastante desafiador para alguns alunos, com isto os professores estão sempre aprimorando e estudando melhores maneiras para amenizar este processo. Apesar de várias conquistas neste campo, é necessário aumentar a participação do professor neste processo que é tão rico na vida do aluno e na sociedade em que vivemos.

## **2 – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica e tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade.

Atualmente no Brasil, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEM, 9394/96, estabeleça no artigo 30 que a Educação Infantil será oferecida nas creches para crianças de até 3 anos, e pré- escola para crianças de 4 a 6 anos, a realidade da educação nos estados e municípios promovem outros modelos de organização.

No caso de Belo Horizonte, desde 1995, as crianças de 6 anos de idade são atendidas nas classes de primeiro ano do Ensino Fundamental. Na concepção pedagógica que sustenta tal proposta, a infância engloba crianças de zero até nove anos de idade. Na Rede Municipal de Belo Horizonte este período está subdividido em três ciclos de formação humana, dois na Educação Infantil e um no Ensino Fundamental.

A Educação Infantil para criança de 0 a 6 anos foi organizada em dois ciclos de idade de formação que, juntamente com o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, compõe o ciclo da infância. Dessa forma, a infância está organizada em três ciclos e a Educação infantil em dois.

Primeiro Ciclo 0 a 3 anos;

Segundo ciclo 3 a 6 anos.

Segundo as proposições curriculares (2009), a articulação dos ciclos da Educação Infantil com o primeiro ciclo do Ensino Fundamental busca construir um diálogo e uma continuidade na educação básica sem perder características de identidade, de cada nível, construindo um desafio tanto para a Educação Infantil, quanto para o Ensino Fundamental.

O 2º ciclo da Educação Infantil tem como um dos objetivos proporcionar que cada criança viva e experimente intensamente o mundo, pois esta etapa é importante como um tempo de vivências fundamentais à formação humana e não de preparação para o Ensino Fundamental.

Os alunos desse ciclo ampliam seu grau de desenvolvimento e aprofundamento das capacidades em relação as crianças do 1º ciclo. Apresentam avanços significativos, como a construção da independência, identidade e construção da autonomia. Ampliam a percepção do corpo, das potencialidades motoras, do mundo e de sua representação. Elaboram e reelaboram

noção de espaço e tempo, demonstram ampliação da linguagem e diferentes formas de expressão incluindo o desenho, constroem hipótese sobre leitura e escrita (Proposições Curriculares, 2009).

As crianças de 3 a 6 anos necessitam e gostam de brincar, ouvir histórias e expressar através de várias linguagens. A apropriação do conhecimento nesta fase se dá através da ação, da interação da criança com o mundo social, da brincadeira, do faz de conta e das possibilidades de elaborar novos conhecimentos (Proposições curriculares, 2009).

Isso se dá através de linguagens expressivas que dialogam com a afetividade, com a emoção e as linguagens simbólicas que permitem a criança desvendar o mundo à sua volta. Assim, desenvolver as diversas linguagens constitui o principal cenário no qual se promove o encontro entre educadores e alunos de 3 a 6 anos (Proposições Curriculares, 2009).

Na Educação Infantil, percebemos um impasse no cotidiano escolar sobre alfabetizar ou não. Diante disto, nos deparamos com vários questionamentos tais como: o que é alfabetização? Para alguns professores é a aquisição do sistema alfabético de escrita. Para outros é um processo de apropriação do sistema de escrita compreendendo textos e se expressando por escrito.

Como se aprende a ler e escrever? Pode ser através de cópias de letras, sílabas e palavras. Ou através de práticas sociais mediadas pela escrita, para que a criança participe e receba informações contextualizadas.

O que é a escrita? Alguns educadores acham que é um sistema de representação da linguagem, outros acham que é um código de transcrição da fala e há os que dizem que é um objeto social complexo com vários usos e funções.

Devido a esta divergência de opinião, alguns educadores não proporcionam práticas pedagógicas tradicionais sistematizadas do Ensino Fundamental na Educação Infantil, temendo, assim, que as crianças percam um período de sua vivência onde o mais importante é o lúdico. Eles defendem o aprender brincando através de jogos, brincadeiras e músicas sem o compromisso do aprendizado formal. Defendem, ainda, que as crianças se apropriarão do conhecimento naturalmente através da interação.

Más há quem defenda e valorize a presença da escrita na Educação Infantil por achar que para o processo de alfabetização é importante que a criança se familiarize com o mundo da escrita.

Diante disto, percebemos que ainda não há um consenso sobre alfabetizar ou não na Educação Infantil. Percebemos que cada educador age de acordo com o desenvolvimento do grupo, levando em consideração o meio social a qual a comunidade escolar esta inserida.

Quando brincam, as crianças recebem informações sobre a escrita. Seja brincando com palavras, sonoridades, semelhanças e diferenças ou manuseando materiais escritos. Tendo também o professor como exemplo e escriba em momentos específicos como textos coletivos.

Temos alunos inseridos no mundo letrado, convivendo com adultos alfabetizados, que tem acesso a livros e revistas, aprendendo letras e números no computador, devido a facilidade de acesso às redes sociais. Em contrapartida, existem alunos oriundos de zona rural e alguns que mesmo morando em perímetro urbano, onde há falta de material gráfico e a escrita não é tão presente,

Grande parte das crianças de baixo poder aquisitivo depende da escola para ter acesso ao patrimônio cultural. Para aprender a ler e escrever é preciso que os alunos participem dos atos de leitura e escrita. Se na Educação Infantil os alunos forem envolvidos em atividades que façam pensar e compreender a escrita, ao final desta etapa, possivelmente eles estarão naturalmente alfabetizados. Tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é também participar de praticas sociais letradas. Então, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita, o letramento se ocupa com a função social do ler e escrever. Atualmente, observamos que alfabetizar e letrar são duas tarefas que devem ser desenvolvidas paralelamente nas classes de alfabetização.

### **A Escola e a pratica de Letramento**

A escola tem como um dos seus objetivos principais possibilitar que os alunos participem de várias praticas sociais que utilizem da leitura e da escrita na vida de maneira ética, critica e democrática (ROJO, 2009,p.98).

Portanto, no ambiente escolar, o professor precisa ter autonomia para selecionar e proporcionar atividades que garantam práticas de leitura e escrita para a promoção de seus alunos, levando em consideração suas experiências. Cabe à escola, no papel dos professores, transformar o aluno alfabetizado em uma pessoa letrada, através de incentivos variados oferecendo diversos tipos de leituras, exercícios de interpretação, compreensão e outras

ferramentas como revistas, jornais, internet, etc.. O processo de ensino e aprendizagem na escola deve preparar o sujeito para a realidade na qual ele está inserido. O professor precisa trabalhar com diversos gêneros textuais, como poesia, jornais, contos de fadas, rimas para enriquecer e refletir sobre a língua escrita e suas convenções.

É preciso que o professor também esteja preparado para a falta de interesse dos alunos, pois nem todo grupo apresenta o mesmo interesse em ler e escrever. Pois famílias de classe baixa, na sua maioria, não tem o hábito de leitura e são desprovidos de material impresso valorizado pela instituição escolar. Isto pode acarretar a falta de interesse de alguns alunos. Com isso, o professor precisa inventar e reinventar sua prática pedagógica. Utilizar de técnicas e materiais variados para aguçar o interesse, principalmente do aluno que tem poucas possibilidades de material escrito em suas famílias.

Conforme Soares (2010), a partir do momento que a criança nasce numa sociedade grafocêntrica, rodeada de materiais escritos e de pessoas que usam a leitura e a escrita, vão conhecendo desde cedo o sistema de escrita, diferenciando-o de outros sistemas gráficos, quando chega a escola, cabe a educação formal orientar esse processo, pois o letramento é um processo que se estende por toda a vida. Alfabetização e letramento são dois processos distintos, mas que devem caminhar juntos. Segundo Soares (1998)

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (p.47)

O letramento antecede a alfabetização, ao mesmo tempo que permeia a alfabetização e continua a existir mesmo quando o sujeito já está alfabetizado.

Nesta direção, o professor deve oferecer diferentes gêneros textuais para que os alunos conheçam e tomem gosto pela leitura e escrita. Trabalhar também com escritas significativas, que façam parte do cotidiano do aluno, como receitas, bilhetes e produções coletivas.

A escola deve ter um ambiente rico em material letrado. Nas paredes devem estar afixados, calendários, cartazes, rótulos e trabalhos dos alunos.

Letramento é um termo novo e surgiu da palavra inglesa *literacy*, devido a uma nova realidade social na qual não bastava saber ler e escrever, mas interagir com as práticas sociais que usam a leitura e a escrita. Letrado, então, é aquele que, além de dominar a leitura e a escrita, faz uso competente e frequente de ambas. Com isto, percebemos que o letramento está enraizado na alfabetização, por isto são frequentemente confundidos.

Na língua portuguesa, a palavra letramento tem sido conceituada como

Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (SOARES, 2010, p.18)

Conforme a autora, a palavra letramento é nova e surgiu para explicar um fenômeno na sociedade contemporânea. Mesmo pessoas consideradas alfabetizadas, têm dificuldades em compreender a prática e o uso social da escrita. Sendo considerados leitores mecânicos.

O letramento está presente ao nosso redor, mas nem sempre percebemos. Se faz necessário que outras pessoas nos mostrem, chamando atenção para a escrita e outros símbolos, principalmente para crianças em fase de alfabetização.

O letramento não é somente prática social, envolve também o processo de leitura e escrita. Para que o aluno possa se apropriar desta prática, ele tem de codificar e decodificar o código escrito. Portanto, percebemos que a alfabetização está diretamente ligada ao letramento; daí a sua dissociabilidade.

Kleiman (2005,p.11) nos fala que o letramento não é alfabetização, mas o inclui, entretanto letramento e alfabetização estão associados. A alfabetização é considerada instrumento essencial para proporcionar o letramento, lembrando que ser alfabetizado não significa ser letrado e ser letrado não significa ser alfabetizado.

O sujeito letrado compreende a importância da leitura e escrita na sua função social, mesmo não sendo alfabetizado. Soares (2010, p 21) afirma que letrar é mais do que alfabetizar, é ler e escrever dentro de um contexto, onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno; não basta formar palavras nem frases; deve-se compreender o que se lê, assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre eles.

É possível romper com a ideia de que analfabetos não praticam a leitura e a escrita. Eles não possuem a tecnologia da decodificação dos signos, mas devido a sua experiência de vida

possuem certo grau de letramento e conseguem sobressair em uma sociedade que é atravessada pela escrita.

A escola pode modificar este quadro garantido que o sujeito, ao concluir a educação básica, tenha se apropriado da leitura e escrita compreendendo e interpretando o mundo.

A escola precisa proporcionar práticas de leitura e escrita voltadas para o uso social, valorizando a cultura e o conhecimento prévio, dando ao sujeito instrumentos para intervir na sociedade com cidadania e autonomia. “ o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja:, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita de modo que o individuo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES,2003,p,47).

### 3- METODOLOGIA

No intuito de atingir os objetivos propostos, foi desenvolvido um plano de ação para proporcionar aos alunos situações reais de letramento, com atividades lúdicas como jogos e brincadeiras, desenvolvidos na escola. Os jogos e brincadeiras pensados com intenções educativas fazem com que o aluno descubra, segundo Rizzo (1999, p 44), que pode ler e escrever qualquer palavra. Isto é importante para aumentar a autoestima e a autonomia da criança.

#### 3.1 A ESCOLA



FIGURA 1: Fachada da Escola Municipal José Diogo de Almeida Magalhães. Fonte Soraia

O plano de ação foi desenvolvido no segundo semestre de 2014 com alunos em idade entre 5 e 6 anos, na UMEI Pedreira Prado Lopes, situada na Rua Carmo do Rio Claro nº145 no bairro Santo André em Belo Horizonte/MG, pertencente a escola núcleo Escola Municipal José Diogo Almeida Magalhães.

No decorrer do plano de ação, verificamos que a instituição tem um Pré-Projeto Político Pedagógico que está em andamento. Este Pré-Projeto foi disponibilizado para consulta durante o plano de ação.



A Unidade Municipal de Educação Infantil Pedreira Prado Lopes atualmente funciona dentro de um espaço emprestado na escola sede que é a Escola Municipal José Diogo de Almeida Magalhães devido à necessidade de construção de um novo espaço para a UMEI. O espaço está sendo construído ao lado da escola sede na mesma rua.

Assim, toda a estrutura da escola sede precisou ser adaptada para receber os alunos da UMEI. O ambiente foi adequado e revitalizado de forma a oferecer um ambiente aconchegante e alegre, próprio da primeira infância.

As salas de aula são amplas e os móveis foram adequados à faixa etária. Possuem brinquedos e jogos disponíveis, alguns confeccionados pela professora outros adquiridos pela escola. As salas possuem também um cantinho utilizado como biblioteca onde as crianças têm livre acesso na rotina para manuseio e 'pseudoleitura'.

Nas paredes, encontram-se afixadas fichas com o nome das crianças, calendário, números de 0 a 9, alfabeto, trabalho das crianças e cartazes informativos de ajudante do dia e aniversariantes.

A escola proporciona um ambiente diversificado, onde os alunos podem explorar as diversas possibilidades para adquirir novos conhecimentos.

A UMEI conta com cinco salas amplas, uma para cada idade. Uma sala de coordenação, uma secretaria, uma sala de professores, uma quadra, um parquinho e uma ampla cozinha com refeitório. Conta também com uma horta e um estacionamento.

A escola é bem cuidada, a limpeza é diária, os banheiros são higienizados pela manhã e a tarde. A cantina é bem equipada, clara e os profissionais têm vestimenta própria para a preparação da merenda que é saborosa e apreciada por todos.

Na escola, são desenvolvidos vários projetos pedagógicos para ampliar a capacidade e desenvolver a autonomia dos alunos.

A unidade Municipal de Educação infantil PPL atende crianças da comunidade Pedreira Prado Lopes e adjacências.

### 3.2 A TURMA

O plano de ação foi realizado em uma turma de alunos entre 5 e 6 anos desta unidade Municipal de Educação Infantil, em que, na sua maioria, frequentaram creches e pré-escola desde o primeiro ano de vida.

A rotina é uma sequência de ações que situa o sujeito no tempo proporcionando-lhe uma referência e uma organização. Ao planejar e organizar rotinas em turmas de alfabetização é necessário ter em mente os objetivos e as habilidades que se pretendem atingir, levando em conta os sujeitos envolvidos e o contexto de ensino aprendizagem

No cotidiano da sala de aula, há uma rotina escolar onde diariamente são definidas as atividades que contemplam as múltiplas linguagens conforme quadro abaixo:

1 Momento	Recepção dos alunos	Mesa c/jogos variados
2 Momento	Lanche	Lanche no refeitório
3 Momento	Atividade 1 Trabalhando múltiplas linguagens	Atividade individual, em dupla ou coletiva.
4 Momento	Recreação	Parquinho
5 Momento	Roda de Leitura ou de conversa.	Conversa direcionada, informal e leitura pela professora. Conto e reconto pelos alunos
6 Momento	Atividade diversificada. Trabalhando as multiplas linguagens.	Pintura, registros, jogos modelagem, recorte, colagem.
7 Momento	Momento livre com brinquedo a escolha.	Preparação para a saída.

QUADRO 1 Rotina diária da turma. Fonte: Soraia

A Turma é composta de 10 meninas e 07 meninos, sendo uma boa parte, alunos vizinhos da Escola.

As crianças que iniciaram o período letivo de 2014 já estavam na Instituição em anos anteriores, sendo que alguns são frequentes desde o berçário, facilitando o processo de adaptação e socialização. Posteriormente, recebemos outras duas crianças que se adaptaram tranquilamente, interagindo com o grupo.

São crianças que gostam de desenhar, pintar, cantar, explorar espaços e ambientes. Relatam vivências pessoais e sociais, questionando assuntos diversos, expressando ideias e sentimentos. Apresentam linguagem oral e escrita em desenvolvimento, percebendo cada vez mais os signos (letras e números), utilizando-os com precisão na medida em que os associam aos conteúdos nos quais são usados. (textos, rótulos, numeração quantitativa, classificação de ordem, etc).

Trata-se de uma turma agitada, fazendo-se necessárias intervenções constantes, porém sem prejuízo do desenvolvimento cognitivo.

É uma turma heterogênea. Grande parte da turma necessita de modelo para grafar o nome e possuem dificuldades para identificam algumas letras do alfabeto e os números de 0 a 9.

As crianças são sociáveis, curiosas, participativas e interessadas. Alguns alunos apresentam um comportamento muito agitado, o que, às vezes, requer uma reorganização no trabalho. As relações existentes na turma possibilitaram uma grande troca de experiências. Para possibilitar o desenvolvimento das crianças foram realizados projetos que favoreceram a aquisição dos conhecimentos. Os Projetos foram construídos de acordo com a demanda da turma, observando as vivências, interesse e maturidade dos alunos.

### 3.3 A COMUNIDADE

A comunidade é considerada por moradores de baixa renda no que se refere às condições econômicas. A infraestrutura da comunidade é considerada baixa no que diz respeito à moradia e à alimentação.

Ao levar em conta que toda criança é um ser social e cultural e que as interações sociais não se dão de forma genérica e abstrata, precisamos pensar a criança com suas características comuns à espécie humana, mas devemos perceber as condições de vida e as possibilidades que as vivências e rede de relações sociais que vivem as crianças da Pedreira Prado Lopes.

São crianças que muitas vezes chegam à escola advindas de relações que desumanizam: a recorrência ao uso de droga direta ou indiretamente na comunidade em que estão inseridas; a violência doméstica, do tráfico e não raro da polícia em suas diversas formas; a fome, as condições de precarização e exploração do trabalho, principalmente o infantil; formas de socialização que comprometem a convivência num contexto no qual o outro constitui uma ameaça iminente. A inserção dos alunos na UMEI sofre os efeitos desse quadro; a resistência às atividades propostas, a agressividade entre as crianças, o uso de uma linguagem muitas vezes distantes do imaginário dos profissionais do que seria adequado à infância. Situação esta que nos coloca diante de um sério desafio, que é estabelecer a ação educativa no limite entre o humano e o desumano.

A dinâmica cultural e a ética vivida na comunidade e nas famílias muitas vezes são desconhecidas dos profissionais da educação. Diante disto, a comunidade escolar procura aprender com as crianças, com as famílias e construir novas relações. Propor uma pedagogia voltada para uma infância concreta e não para uma idealizadora é um grande desafio. Aprender como as crianças lidam com esta adversidade possibilita à escola encontrar formas solidárias, criativas e dinâmicas nas redes e relações da Pedreira.

O público atendido são crianças de 0 a 5 anos e 6 meses, no qual a criança aprende a brincar sozinha, com o outro, com o jogo simbólico e mais tarde com o jogo de regras. Entra em contato com mundo letrado, sendo assim um período de grandes descobertas.

A história da UMEI antigamente designada de creche indicou a necessidade de sua implantação devido ao número de crianças que estavam fora da escola e que precisavam de espaço para uma maior segurança e a garantia de uma alimentação diária, saudável e um aprendizado significativo.

Esse cenário apresentado vem confirmar que a maioria das famílias conta com a UMEI para deixar seus filhos em horário integral, tendo em vista que mesmo nas condições socioculturais os pais querem uma educação de qualidade para os filhos.

A família faz toda a diferença na introdução da criança no mundo letrado. Quando ela ajuda a criança disponibilizando gêneros textuais e materiais letrados variados, a criança começa a raciocinar e fazer hipótese. Dai a importância dos contos, bilhetes, receitas, jornais, revistas e até mesmo jogos e brincadeiras na rotina da criança. Mas, na maioria das famílias, as crianças têm pouco contato com estes materiais, muitas vezes devido à falta de hábito ou até mesmo falta de condição financeira para adquiri-los. Na realidade atual, a maioria dos alunos de escolas públicas tem pouco ou quase nenhum acesso a materiais letrados, tendo esta oportunidade somente na escola.

As práticas de letramento desenvolvidas nas comunidades geralmente têm maior significado para o sujeito, pois ele vê importância, por exemplo, em saber placa de ônibus, enviar um bilhete, entender uma receita entre outras. Já as escolas costumam proporcionar atividades mecânicas e repetitivas. O sujeito pode se confundir e não entender seu uso social, perdendo o interesse em participar de tal atividade.

Percebe-se que normalmente as crianças das classes mais baixas possuem menores possibilidades de utilização de leitura e escrita. Sendo assim, elas podem apresentar menos interesse pela alfabetização, se compararmos com aquelas onde as famílias têm na sua rotina o hábito de leitura e escrita. Há sempre exceções, mas a escola deve garantir a todos o acesso à leitura e à escrita.

O ambiente favorável à prática de letramento nem sempre é encontrado junto às famílias, pois na maioria das vezes somente as famílias de melhor poder aquisitivo tem este repertório rico em material letrado. E a realidade encontrada nas escolas públicas são famílias de baixa renda. Proporcionar ao sujeito o letramento pode ajudá-lo a mudar sua realidade ajudando a melhorar sua condição social, principalmente as culturais.

A avaliação diagnóstica se faz necessária como recurso para o professor ter uma visão geral da turma, mas deve ser transformada. É preciso refletir sobre ela e transformá-la num instrumento de aquisição da aprendizagem para o aluno.

Este procedimento deve valorizar as experiências do aluno, tendo como ponto de partida o que ele já sabe levando-o a entender as possibilidades de conhecimento durante sua estadia na escola. Para isto o

professor deve fazer as seguintes perguntas: O que os alunos sabem?, O que não sabem? e o que precisam saber?

Realizando uma avaliação diagnóstica, é possível obter respostas a estes questionamentos. Para Libânio (2004,p.253), “a avaliação deve ter sempre um caráter de diagnóstico e processual, pois ela precisa ajudar os professores a identificar aspectos em que os alunos apresentem dificuldades. A partir daí os professores poderão refletir sobre sua prática e buscar formas de solucionar problemas de aprendizagem ainda durante o processo e não apenas no final de um ciclo de aprendizagem”.

Dessa forma, foi realizada uma avaliação diagnóstica na turma para verificar quais os tipos de materiais letrados eles tinham contato em casa. Em seguida, os alunos foram colocados em roda e submetidos ao mesmo questionário feito às famílias.

As maiorias das crianças responderam que em casa tinham livre acesso a revistinhas em quadrinhos e encartes de supermercados.

Para atingir os objetivos propostos no plano, além da avaliação diagnóstica, fizemos também coleta de dados através de observação *in loco*, questionários com famílias e com os alunos.

No intuito de garantir a prática de leitura e escrita, foi apresentado aos alunos um ambiente adequado em material letrado onde o professor fez as devidas intervenções de acordo com as demandas. Pedimos que os alunos olhassem para a sala e falassem o que estavam vendo. Várias foram as respostas como “Eu estou vendo um cartaz de aniversariantes”, “O Calendário para saber o dia de hoje”, “O Alfabeto” “tem também livros e revistas, você não esta vendo.”

Com estes questionamentos percebemos que os alunos conheciam os materiais letrados existentes no ambiente da sala de aula.

À medida que o plano de ação era desenvolvido, todas as atividades eram dispostas em um espaço próprio para apreciação dos alunos.

Trabalhamos também atividades lúdicas como jogos e brincadeiras com a participação dos alunos para que o ensino contribuísse no processo de aquisição do conhecimento.

Refletimos também sobre o letramento e sua influencia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Utilizamos como documento para nortear este projeto o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em que procurei seguir algumas orientações de forma a proporcionar um ambiente alfabetizador e lúdico que é tão importante para o desenvolvimento integral das crianças.

#### 4 - ANÁLISE DE DADOS

Foi organizado um questionário com perguntas fechadas no intuito de atingir os objetivos propostos neste plano. Segue abaixo o questionário:

##### QUESTIONÁRIO

Questionário Para famílias e alunos e para os alunos

Marque um X nas respostas abaixo:

1 -Quais os tipos de gêneros textuais é disponibilizado para sua criança no dia a dia? Marque um X.

Literatura infantil                       Jornal                       Gibis

Revistas                                       Receitas                       Bíblia

Outras \_\_\_\_\_

---

-

2- Sua criança faz uso frequente de algum dos materiais citados acima?

Sim

Não

3- Qual o gênero textual sua criança prefere?

Literatura infantil                       Jornal                       Gibis

Revistas                                       Receitas                       Bíblia

Outras \_\_\_\_\_

---

-

4- Mande para a escola algum material de leitura que seu filho gosta de ler ou manusear. Será socializado em uma roda.

O questionário foi enviado a vinte famílias e todas me devolveram respondido. Percebi que as famílias, na sua maioria, têm baixo grau de escolaridade. Em relação à palavra ‘gênero’, que é um termo mais técnico da área de linguagem e ausente do vocabulário destas famílias, notei que alguns tinham dificuldade em entender e perguntavam o significado da palavra. Além das

respostas, previu-se o confronto com as respostas dos alunos em um momento na sala de aula para uma melhor apuração dos fatos.

Com o retorno dos questionários, constatamos que num total de dezessete alunos, seis tinham mais contato com literatura infantil e outros seis com revistinhas de gibis, seguido por quatro alunos que responderam que tinham contato com revistas e outros três com jornal. Apenas um respondeu desenho. Constatei que a maioria dos alunos tinha maior contato com literatura infantil, gibis e revistas.

Conforme respostas do questionário, na sua maioria faz pouco uso de material escrito, por preferirem brincar junto a colegas na rua. Os dados mostram que quinze alunos responderam não utilizarem material letrado apenas cinco responderam que fazem uso do material letrado na sua rotina.

No quesito preferência, uma boa parte das crianças priorizam revistinhas e Gibis. Dez crianças responderam que preferem ver e manusear revistinhas Gibis, seguido por três crianças que preferem Livros de Literatura infantil. Apenas duas crianças preferem revistas.

Desde modo, a própria palavra ‘gênero’ que não faz parte do dialeto destas famílias pode ter dificultado o entendimento da pergunta, por se uma palavra de nível mais culto.

Constatamos, também, que uma boa parte das crianças é oriunda de famílias religiosas, mesmo assim a bíblia não foi citada no questionário.

De acordo com relato das famílias, em conversa informal, as crianças preferem brincar na rua a manusear materiais letrados. Isto pode ser devido ao fato de elas ficarem a maior parte do dia sem a presença de um adulto para orientar no que é importante para seu desenvolvimento.

No final do questionário, foi solicitado que as famílias mandassem para a escola algum material de leitura que o filho gostasse de manusear. A família atendeu prontamente e este material foi explorado pelos alunos, e transformando em uma aula rica e prazerosa. O letramento foi estimulado ao proporcionar momentos onde as crianças exploraram encartes diversos.

Essa foi uma das aulas mais interessantes e significativas para as crianças, pois cada aluno trouxe seu encarte e queria mostrar o que trouxe. Com os encartes variados, as crianças puderam reconhecer produtos de uso no ambiente familiar.





FIGURA 2- Encartes diversos. Fonte : Soraia

Na mesa, as crianças exploraram os encartes. Após explorar os encartes, fizemos uma rodinha para os alunos mostrarem e falar sobre o encarte. Em seguida, fizemos um mural coletivo onde as crianças puderam visualizar todo o material.

Após o mural pronto, apresentamos para os alunos um gênero textual que ninguém tinha trago, a receita médica. Falei sobre ela, deixando que manuseassem. Um aluno disse que era estranho, só tinha letras e bem pequenas. Expliquei a função da receita, onde era encontrada e coleí no mural.

Num segundo momento, entregamos uma folha dividida em três partes, com o escrito: Gravura/ letras/ números. Pedimos que os alunos recortassem e colassem logo abaixo do escrito o que era pedido. Os alunos se envolveram na atividade e demonstraram satisfação.



FIGURA 3 – Identificação de figuras, letras e números. Fonte Soraia

Procuramos também trabalhar com palavras significativas que permeiam o cotidiano da criança dentro de sua realidade. Palavras como:

Nome de frutas: Laranja, Banana, Maçã, Melancia, Mamão.

Na sala, exploramos o nome da fruta pedindo que a criança lesse em voz alta o nome e batendo palmas para dividir as sílabas. A cada palma uma sílaba. Exploramos também as cores.

Os mantimentos, materiais de higiene e biscoitos.

Pedimos que cada criança relatasse o que a mãe compra quando vai ao supermercado e no quadro escrevemos de acordo com o que a criança dizia. Surgiram falas como: “Minha mãe compra arroz, feijão e carne”; “Ah, minha mãe compra leite também com todody”; “Na minha casa minha mãe compra muito biscoito.”

Exploramos as letras iniciais e finais de cada palavra, utilizando como suporte o quadro para que as crianças participassem coletivamente da atividade no intuito de socializar opiniões.

As crianças participaram ativamente e interrompiam a atividade expressando e fazendo associação das letras com alguma palavra que eles já conheciam. A professora iniciou a atividade tomando como exemplo o que a mãe de Carlos comprou no supermercado.

A mãe do Carlos compra “arroz ” no supermercado. Qual a letra inicial desta palavra? Indaga a professora. Os alunos respondem, alguns acertam outros não e a professora faz a intervenção, para que o aprendizado aconteça naturalmente.

Dá a importância das atividades com encartes diversos e suportes de leitura que fazem parte da rotina da criança.

#### **4.1 ENTREVISTA COM ALUNOS**

Para analisar a coerência nas respostas dos questionários oriundos das famílias e as opiniões das crianças, aplicamos o mesmo questionário com os alunos na sala em forma de entrevista porque os alunos ainda não eram leitores.. Em roda fizemos as perguntas oralmente e comparamos os resultados.

Percebemos, então, que o letramento não escolar das crianças da turma era limitado em gêneros textuais. Por isto é importante ressaltar que a escola precisa aproximar a criança de famílias menos favorecidas a ter acesso a material impresso, bem como ter vivências e experiências de leitura e escrita.

Segundo Kleiman (2005), “a criança que convive desde pequena com material variado de leitura e escrita e sua família apresenta hábitos na sua rotina de leitura e escrita, ela verá mais sentido nas atividades relacionadas à codificação e decodificação apresentadas na escola.” Diferente daquelas crianças de famílias onde a leitura e a escrita são pouco frequentes.

A partir das respostas foram aplicadas algumas atividades no intuito de garantir acesso a materiais letrados e diversidade de gêneros textuais, proporcionando oportunidade a todos os alunos. Essas atividades envolveram, também, a escrita de nomes próprios que faz parte da identidade da criança.

## 4.2 RELATO DAS AULAS

Para proporcionar o desenvolvimento das capacidades e habilidades das crianças em fase de alfabetização, seguimos uma rotina diária com atividades variadas onde eram trabalhados temas diversos de acordo com a demanda e o dia da semana. Dentro desta rotina e das atividades propostas, eram contempladas as múltiplas linguagens.

O trabalho com o nome é extremamente importante, visto que a criança tem um sentimento especial por ele e demonstra interesse em aprender sua escrita, bem como o nome dos colegas. É importante também para sua alfabetização e deve ser explorado através do lúdico onde os jogos e brincadeiras proporcionem uma reflexão acerca das letras, sons e quantidade de letras. Torna-se essencial que o aluno compreenda o que está lendo, o seu nome e dos colegas. (CARVALHO, 2002).

Na aula de apresentação da ficha do nome, iniciei falando da importância do nome, logo entreguei a ficha do nome, solicitando que explorassem e falassem as letras que formavam o nome. Foi entregue uma folha para que os alunos escrevessem o nome com o apoio da ficha e fizessem um desenho da figura humana. E que através dessa atividade se apropriassem do nome e da escrita dele.



FIGURA 4 – Desenho da figura humana e registro do nome



FIGURA 5 – Registro de Nome e desenho figura humana. Fonte Soraia

Esta atividade contribuiu para trabalhar a identidade e a autonomia e para que os alunos aprendessem as letras o próprio nome e dos colegas.

Neste processo, o professor fica com o papel de mediador, estimulando e propondo desafios durante a atividade e buscando resposta e construindo conhecimentos.

Num segundo momento, dividimos a turma em grupos de quatro alunos, cada um com sua ficha e pedimos que eles colocassem as fichas viradas no centro da mesa. Cada aluno tirava aleatoriamente e tentava ler o nome do colega. Alguns alunos conseguiam silabar, outros conseguiam soletrar algumas letras, outros tentavam adivinhar e ouvi também comentários como:

“A primeira letra do seu nome é a mesma do meu.”

“Tem algumas letras que tem no seu nome e no meu.”

“Olha professora, o S de Sadia, a salsicha, que minha mãe compra lá em casa.

A escola tem um grande acervo de letras móveis e, em sala, as crianças manuseiam ora com intenção, ora sem uma intenção pedagógica. Com isto, o professor lança mão desta atividade para uma prática de letramento, incentivando a formação de nomes ou palavras. Os alunos, a

todo o momento, buscam o apoio do professor como leitor e mediador neste processo de compreensão do que está escrito.

Inicialmente, foi proposto para as crianças formarem o nome com o auxílio das fichas, pois algumas não sabiam o nome de memória. Percebi que as crianças ficavam empolgadas e curiosas com a quantidade de letras que cada nome tinha. Ouvi comentários como “seu nome tem poucas letras”, “Meu nome é pequeno”, “Seu nome é grande”. Esta atividade possibilita as crianças reconhecer as letras inicial/final, estabelecer relações sonoras, (primeiro pedaço, começa com, termina com) comparar nomes, letras comuns ou não em dois nomes.

Ainda em pequenos grupos de quatro alunos, entregamos as fichas, o alfabeto móvel e pedimos que formassem o nome e, quando terminassem, trocassem com os colegas e conversassem sobre as letras. Percebemos que as crianças ficavam empolgadas e curiosas com a quantidade de letras e, além de formar o próprio nome, queriam ajudar os coleguinhas.



FIGURA 5 – Fichas do nome utilizadas na rotina. Fonte Soraia



FIGURA 6 – Atividade com ficha de nome e alfabeto móvel. Fonte Soraia

Ao final, uma criança do grupo, de posse de uma ficha, verbalizou as letras que formavam o nome. As crianças se mostraram de forma satisfatória a esta atividade, querendo mais de uma criança vir à frente e participar.

Durante o processo de intervenção, os alunos contribuíram na confecção de suas fichas. Receberam a ficha com o nome escrito em caixa alta, deixando o espaço abaixo traçado para escreverem o nome e um quadrado com tamanho proporcional ao nome para fazer um auto retrato. Este trabalho foi fixado na sala de aula para material de consulta. Na rotina diária, este material era utilizado pela professora e pelo ajudante do dia que em certos momentos assumia o papel de professor regendo a turma. Exemplo: De quem é este nome? Ele começa com que letra? Tem outro coleguinha que o nome começa com a mesma letra? De quem é esta letra, da professora ou do aluno? A letra caixa alta é usada no início da alfabetização devido à facilidade de reconhecimento dos signos pela criança. A letra caixa alta permite a criança um rápido acesso a mensagens veiculadas na sociedade, facilitando a discriminação dos sinais gráficos, além de ser bem menos variável. Os alunos apreciavam esta atividade, pois reconheciam neste painel sua escrita e seu nome.



FIGURA 7 - Mural de nomes. Fonte Soraia

Uma roda de leitura é uma prática pedagógica relacionada ao ato de ler com a mediação do professor ou dos pares, onde a criança tem oportunidade de vivenciar coletivamente a prática de leitura.



Paralelamente ao projeto, procuramos oferecer momentos na rotina diária em que as crianças tivessem oportunidade de ouvir histórias e interagir com elas através de reconto. Ouvir história é um momento importante e prazeroso para a criança. Segundo Carvalho:

Ouvir história é uma experiência agradável e proveitosa, sob diversos pontos de vista. Mesmo que eventualmente alguma palavra ou frase, não seja compreendida pela criança, o importante é que ela seja capaz de seguir o fio da história, que a leitura lhe dê prazer, que faça pensar, que faça sonhar. Esta é a maior riqueza da literatura infantil. (2005, p.88)

Possibilitamos que cada criança escolhesse um livro de sua preferência. Então, em uma visita à biblioteca, selecionamos alguns livros para serem explorados no decorrer do semestre. Além dos clássicos como *Os três porquinhos* e *Chapeuzinho Vermelho*, selecionamos também *Viviana Rainha do Pijama* de Steve Webb, *A Borboleta Cinza* do autor Mario Vale, *O Menino que queria voar* do Autor Frances Rodrigues e *O Mistério da Lua* de Sônia Junqueira.



FIGURA 8 – Livros selecionados para leitura no semestre. Fonte Soraia

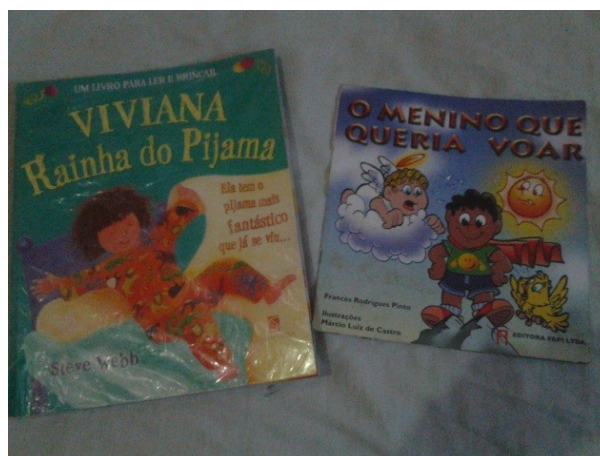


FIGURA 9 – Livros selecionados para leitura no semestre. Fonte Soraia

Estes livros foram explorados na roda de história repetidas vezes. Na rotina escolar, todos os dias um aluno era selecionado para fazer o reconto, mostrando as gravuras. Um mesmo aluno queria fazer o reconto varias vezes. Então, diante desta situação, tivemos que fazer um combinado para que outras crianças tivessem oportunidade de participar da atividade. Combinamos uma "Regra": Até que todos fizessem o reconto, o coleguinha não podia recontar duas vezes.

O trabalho com calendário é importante para que a criança tenha uma noção de tempo. Na rotina escolar, utilizamos o calendário como aula expositiva onde fizemos vários questionamentos com os alunos tais como: Para que serve o calendário? Quantos meses tem o ano? Que dia é hoje? Quantos dias tem o mês? O que é letra e o que é numero? Na rotina diária, os alunos participam respondendo aos questionamentos com a intervenção da professora e marcando no calendário, a data. Esta atividade é reforçada com o registro da data em folha.



FIGURA 10 - Apresentação do calendário.

Passeio na escola para identificar os diversos tipos de escrita encontrado no ambiente. Em grupo, circulamos pela escola, parando em diversos pontos para questionar sobre o uso encontrado. Placas dos banheiros, masculino e feminino, placa da cozinha, da secretaria, da direção, da garagem, alguns quadros informativos e cartazes. Nesta atividade, foram muitos os questionamentos.■

Após as atividades de reconhecimento da presença de materiais escritos, foi proposto para os alunos o registro através de desenho e escrita de acordo com a capacidade de cada um.

Em todas as situações aqui relatadas, houve um investimento em tentar apontar as funções previstas para os usos da escrita.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados observados neste trabalho indicam que é importante oferecer para as crianças um ambiente que favoreça o processo de letramento. Quanto mais cedo a criança tiver contato com o mundo letrado, melhor será seu desenvolvimento e desempenho na fase de alfabetização. Essa é a premissa defendida no trabalho pedagógico desenvolvido nas séries iniciais.

Foi possível perceber também que crianças de classes sociais menos favorecidas chegam à escola com diferentes práticas de letramento, pois o acervo disponível a este grupo social é limitado em variedades de gêneros textuais. Normalmente, estas famílias não priorizam a prática de leitura e escrita ou não tem condições financeiras para oferecer um acervo de material impresso. Na escola, a criança tem mais oportunidade de acesso a vários tipos de gêneros textuais. Portanto, cabe a ela, na figura do professor, disponibilizar o ambiente letrado e diferentes gêneros textuais para o aluno.

No decorrer do processo pedagógico aqui relatado, foi oportunizado às crianças participar de eventos de letramento onde puderam interagir com o meio e seus pares. Atividades escritas, lúdicas, de jogos e brincadeiras e de interação. As atividades foram ministradas no intuito de favorecer o pleno desenvolvimento das crianças em fase de alfabetização.

Oferecer para a criança diferentes materiais de contato com o mundo da leitura e escrita possibilita que ela compare, pense sobre a escrita, formule hipóteses, arriscando sua própria escrita. O professor tem um papel importante neste processo visto que algumas crianças têm esta oportunidade somente na escola.

Cabe à escola oferecer ao aluno acesso a este universo de material escrito que circula socialmente e ensiná-lo a interpretar e produzi-lo.

Dessa forma, foi possível constatar que a intensidade e o tempo de participação do indivíduo nos eventos de letramento escolares ou não escolares contribuem significativamente para o processo de ensino aprendizagem dos alunos em fase de alfabetização.

## 6 – REFERÊNCIAS

Belo Horizonte, **Proposições Curriculares da Educação Infantil, Secretaria Municipal de Belo Horizonte**, SMED, 2009.

BRASIL. **Referenciais Curriculares Para a Educação Infantil**. Vols. 1, 2 e 3. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL LEIS E DECRETOS. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília: Imprensa Nacional, 1996.

CARVALHO, M. **Guia Prático do Alfabetizador**. São Paulo, Ática: 2002.

KLEIMAN, A.B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a escrever?** Campinas; CEFIEL/UNICAMP, 2005

RIZZO Gilda. **A alfabetização natural**. Rio de Janeiro: BCD 2001

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre : Artmed , 2003